

iplus

mbulações luso-gregas

mélia Muge e Michales Loukovikas

ÁB 25 DE FEVEREIRO - 21H30 - 20€ - M12

em-concerto, para lá de músicas e poemas originais, passa-se pela poesia grega antiga, revisita-se temas tradicionais portugueses dialoga-se entre o rebético e o fado, evocam-se a morna de Cabo Verde as de embalar e lamentos dos dois países. Um encontro musical de duas ae promete uma noite muito especial.

róleo, Gás, a Energia

mudança: da Geopolítica

ecnologias e Mercados

ntónio Costa Silva

CIAS QUA 8, 15, 22, 29 DE FEVEREIRO - 18H30 - ENTRADA GRATUITA

iro Mudanças estruturais e estratégicas em curso no mercado
15 de fevereiro A matriz energética atual, o contexto histórico,
dades e soluções 22 de fevereiro Cenários para a evolução futura
diferentes tecnologias 29 de fevereiro A Segurança energética de
da Europa: um novo conceito para o século XXI

Models: Paula Sá

ueira (um bestiário)

spetáculo Cão Solteiro
lré e. Teodósio

QUA 7 A SÁB 10 DE MARÇO - 21H30 - 12€ - M12

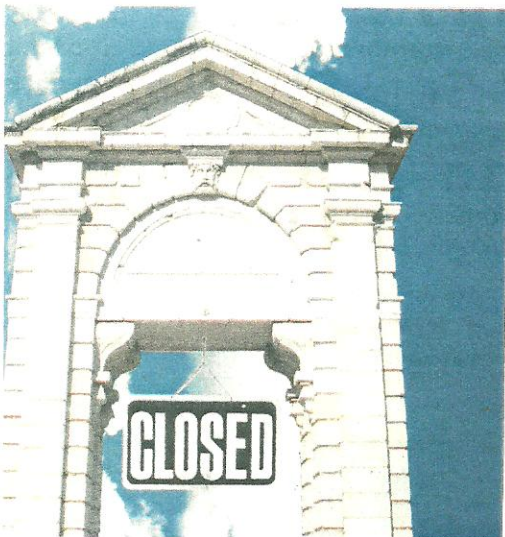
caída. Intervalo é intervalo. Uma pausa. E as pausas depois das
momentos de cicatrização. Não para beber whiskey, como com o Pinter.

rael E. Smith

nka Bock Personne

5 DE 25 DE FEVEREIRO A 13 DE MAIO - GALERIAS 1 E 7 - Z€

o: Sexta-feira 24 de fevereiro, 22h



FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
Culturgest



RUI GAUDÊNCIO

● Mau ★ Medíocre ★★ Razoável ★★★ Bom ★★★★ Muito Bom ★★★★★ Excelen

Amélia Muge
e Michales
Loukovikas: um
tesouro luso-grego

← daí vem um "Sambinha Bom" cujo título passa incólume num detector de mentiras, mas também uma outra maleabilidade para as suas inglesicas, um "Baby, I'm Sure" que lembra por todas as razões o "Baby" d'Os Mutantes, um "In the Morning" que poderia ser Feist a tentar ser Rita Lee ou um "Highly Sensitive" que soa à chanson-rock de Olivia Ruiz produzida por Mathias Malzieu (Dionysos).

No bloco-notas (tradução possível: documento word) resta apenas uma entrada: "guitarras naquele jeito Beatles de Copacabana". E está na hora de apagá-la. **Gonçalo Frota**

Amélia Muge e Michales Loukovikas
Periplus
Éter Music

★★★★★



"Periplus", ideia cara a Amélia Muge, era desde o início uma aposta arriscada. Unir culturas do

Mediterrâneo às vizinhas do Atlântico e do Índico, misturando Ocidente e Oriente sem cair em "pastiche" multiculturais de duvidoso gosto, exigia uma enorme dose de dedicação, empenho e sabedoria. A pedra de toque encontrou-a Amélia na ligação entre Portugal e a Grécia, ao trabalhar com Michales Loukovikas (excelente descoberta) e dividir com ele e mais um lote de músicos de grande talento, portugueses e gregos, tal aventura. O resultado é um diamante polido até quase à perfeição, com reflexos de cantos

gregos antigos, canções de trabalho e de embalar, ecos de tradições centenárias e cantos de resistência, poesias intemporais e de dimensões múltiplas (Pessoa e Natália Correia, a par de Cavafy ou Ares Alexandrou). Isto numa abordagem contemporânea onde as linhas melódicas e rítmicas dos dois países se aproximam, interligam e desafiam de forma natural e fluída, como se sempre tivessem sido vizinhas e conversado assim. Os extensos 76m58s de "Periplus", a desafiar os limites do próprio CD, parecem até curtos pela enorme variedade de registos, com o disco dividido em dez partes, como estações de uma mesma viagem. Para ouvir várias vezes, do princípio ao fim, com momentos de absoluto encanto como "O teu olhar onde acaba?", nas vozes de Amélia e da cantora grega Eleni Tsiligopoulou, ou "Deixa brilhar", espantosamente cantado em grego antigo pela escritora Hélia Correia. Um tesouro luso-grego, pioneiro no seu género.
Nuno Pacheco

MegaFaun
MegaFaun
Crammed Discs; distri MegaMúsica

★★★★★



Fleet Foxes ou Midlake. Tudo gente que partiu em busca da velha América no fundo da folk, da

country e das maravilhas que dali nasceram quando se lhes adicionaram gotas generosas de psicadelismo. Boas bandas de gente habitualmente hirsuta que se entrega a melodias vocais extraídas

dos melhores momentos dos Crosby, Stills & Nash.

Os MegaFaun, músicos de formação jazz (como os Midlake), começaram por fazer do planar folk-rock ponto de partida para um vogar experimental em que as manchas sonoras criadas eram tão importantes quanto a ideia de canção. Chegadas a "MegaFaun", o quarto álbum do trio (os irmãos Brad e Phil Cook e o baterista Joe Westerlund), o cenário alterou-se. Este é um álbum de canções. Uma viagem por um território de fronteiras bem definidas (a "americana", genericamente) em que as guitarras bailam a oito milhas de altura (como as dos Byrds) ou rastejam de coração colado à terra (quando cedem ao apelo telúrico do country). Em que uma viagem de oito minutos chamada "Get right", que nos conquista como inspirada jam de Tom Petty (existirá?), convive com a roda de dança chamada "Isadora" (baile no salloon animado de metais, sopros e pizzicato no violino) ou com o momento beatífico, coros bem alto à Polyphonic Spree, de "You're the light" (é o gospel dos MegaFaun: "love is the purpose/the reason we're here").

Há nesta banda uma curiosa capacidade de extrair diversidade de uma linguagem restrita, uma sinceridade na interpretação que impede o cinismo e, pelo menos, um par de belas canções que se destacam neste desejo de prosseguir a história inacabada do folk rock da década de 1960 e 1970 - são os casos a supracitada "Get right" ou essa "Second friend" que tão bem sugere uma vida no sul dos Estados Unidos para Ray Davies, dos Kinks. **M.L.**



MegaFaun: do planar folk-rock um ponto de partida para um vogar experimental